

## O SUJEITO UNIVERSAL E A CRÍTICA FEMINISTA

### THE UNIVERSAL SUBJECT AND FEMINIST CRITICISM

Resenha de GUIMARÃES, Géssica. **Ensaio feminista sobre o sujeito universal**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2022, 126p.

JÚLIA REIS COUTO<sup>1</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

JULYANA PEREIRA DA SILVA<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

A escritora e poetisa brasileira Carolina Maria de Jesus, em seu livro *O Quarto de Despejo*, manifesta muitas indignações sobre sua realidade como mulher preta, mãe e catadora de papel. Por volta dos anos 1950, na sua juventude, ela relata que perguntou a sua mãe se ela poderia virar homem, pois, na História que ela conhecia, apenas homens possuíam papéis protagonistas, eram os heróis. Mais de 100 anos antes, outra mulher negra, Sojourner Truth, já se perguntava, em outras palavras, sobre seu

---

<sup>1</sup> Júlia Reis Couto é mestranda em História Política pelo PPGH-UERJ e bacharel em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IFCH - UERJ). Atualmente é pesquisadora auxiliar Pró-Docência no projeto: "As mulheres e a universidade: ampliando os olhares contemporâneos da história intelectual" intitulado como "HistoriDelas" é associada ao Laboratório de Pesquisa e Práticas de Ensino em História (LPPE) do IFCH-UERJ. Sua monografia tem como tema as "Desigualdades de acesso e permanência das estudantes da UERJ - 1990 - 2020." E-mail de contato: juliareishist@gmail.com

<sup>2</sup> Julyana Pereira da Silva é graduanda em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente é bolsista como pesquisadora auxiliar no Projeto Pró-docência "As mulheres e a Universidade: ampliando os olhares contemporâneos da história intelectual" intitulado como "HistoriDelas". Seu tema de pesquisa gira em torno da história das diversões tendo por objeto o carnaval do interior do Rio de Janeiro. E-mail de contato: julyanada1018@gmail.com.

acesso à universalidade masculina do sujeito com o discurso “E Eu não sou uma mulher?” (*Ain't I a Woman?*). Essa pergunta, carregada de história, foi feita em 1851, 69 anos antes da legalização do voto feminino no norte dos Estados Unidos e 114 anos antes do voto feminino para mulheres negras.

Apesar de Carolina Maria e Sojourner Truth não serem mulheres que vivenciaram o ambiente acadêmico contemporâneo, nem as discussões mais recentes sobre o Sujeito Universal, suas falas atualmente são historicizadas por movimentos e linhas historiográficas que teorizam as questões de gênero. Podemos citar como exemplos as análises de bell hooks e Paulo Freire, que propõem a valorização das subjetividades em sala de aula para a construção de uma comunidade aberta para aprendizado (Hooks, 2017), e as de Patricia Hill Collins, Grada Kilomba e Lélia Gonzalez, que valorizam as subjetividades e multiplicidades do ser como um fator primordial na construção do fazer acadêmico. Assim como essas autoras, a professora e historiadora Gécica Guimarães segue a tradição feminista de criticar o sujeito universal ao escrever o “*Ensaio Feminista sobre o sujeito universal*”, propondo novos trilhos para a teoria da história não só na UERJ, instituição em que leciona, mas no Brasil.

O livro, publicado em 2022 pela editora EDUERJ, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, contempla a colisão dos padrões universais e excludentes em defesa de uma multiplicidade de sujeitos, antes, “dominados” (ou subordinados) por essas normas, através de um empenho da coletividade. Guimarães é professora adjunta da cadeira de Teoria da História na UERJ, Ensino de História e História da Historiografia e, em sua autodefinição, é mulher feminista periférica e mãe. Esses atributos não são acessórios na proposta teórica que orienta seu Ensaio Feminista, porque é justamente através da alocação das premissas da obra em dimensões materiais que podemos entender os vínculos relacionais que aparecem no livro.

A forma de ensaio, escolhida pela autora, evidencia uma escolha política em direcionar a sua escrita a um público amplo, usando uma alternativa ao erudito que eventualmente é inacessível aos debates não-acadêmicos. A escolha dos conceitos a serem utilizados e debatidos na obra também obedece a essa

lógica. Na “orelha” do livro, podemos ter um vislumbre do que a autora buscava - construir um diálogo de fácil acesso entre o que está sendo estudado na academia e o público interessado em se aprimorar sobre o movimento feminista. Sobre a forma de ensaio, Theodor W. Adorno afirma que quem escreve ensaísticamente utiliza da ferramenta de questionar, apalpar, atacar e submeter o objeto à reflexão (Adorno, 2003). A estratégia do ensaio é utilizada, nesse sentido, por Guimarães, em seu contra-ataque ao sujeito universal (Adorno, 2003). Além disso, a forma ensaio é muitas vezes considerada dentro da academia como uma forma inferior, porque menos sistemática, na hierarquia das produções acadêmicas. A escolha política da autora pelo modelo de ensaio se enfatiza pelo fato de que os homens brancos cis hétero são os detentores do poder e estão presentes na classificação das hierarquias, de modo que sua crítica incide não apenas sobre o conteúdo do discurso universalista, mas também sobre suas práticas.

Não é incomum que pesquisadoras mulheres, cis ou trans, pessoas queer ou negras não se encontrem no estudo da história “clássico” ou canônico. Durante muitos anos, o ambiente acadêmico foi dominado por homens cis brancos e suas demandas políticas e sociais. Logo, o estudo de gênero é algo relativamente recente. Entretanto, isso não quer dizer que Gêssica Guimarães trouxe algo inteiramente novo. Ao contrário de desmerecer a obra, essa constatação posiciona a autora em uma importante tradição de pensadoras críticas do sujeito universal que ela busca destacar.

Trata-se, portanto, de um movimento que está acontecendo há alguns anos e que repensa o papel do produtor acadêmico a partir de outras epistemologias. Essa escolha, assim como o livro, representa um manifesto político de inclusão para a construção de um caminho histórico de compreensão do Sujeito Universal que a autora define como a figura do homem branco, heterossexual e cristão. Guimarães, através de sua existência e coletividade, enquanto mulher, acadêmica e feminista, traça exemplificações da padronização de identidades e poderes através dos diversos espaços da sociedade. Isto põe a subordinação a uma norma universal que é excludente e determinante na legitimidade dos que se alinham, ou não, à

norma. Com isso, a autora defende os vários feminismos e suas intersecções como gênero, raça e classe, materializando a convicção e estrutura do ensaio de que as experiências e dores das mulheres podem ser importantes, e talvez imprescindíveis, para o fomento de novas teorias e novos olhares sobre o passado.

O livro é dividido em sete capítulos, iniciando uma trajetória de crítica ao “sujeito universal” a partir da utilização e explicação teórica de conceitos da linha feminista, culminando em alternativas de sobrevivência e criação de comunidades de escuta. Nos primeiros quatro capítulos, a autora pontua o que são os feminismos e sua importância sócio-histórica, fazendo o recorte de tratar do mundo ocidental sem deixar de falar dos marcadores sociais como orientação sexual, raça e classe. Depois, ela esclarece o que seria o sujeito universal, trazendo as problemáticas por trás dessa figura e abordando como os feminismos podem ser uma ótima ferramenta de combate a esse universalismo.

Esse conceito é tratado no capítulo três, no qual a autora expõe narrativas universalizantes e suas ferramentas de propagação, que foram muito bem sucedidas, tal como a religião cristã, trazendo como contraponto autoras que desafiaram essa universalidade. Por fim, no quarto capítulo, ela interroga sobre a posição de sujeito e quem seria ele no percurso histórico, dentro e fora dos feminismos, fechando os quatro tópicos fundamentais para a compreensão dos próximos capítulos que desafiarão o conceito de sujeito universal, trazendo novas epistemologias e formas de ver, ser e estar no mundo.

A retomada da trajetória do feminismo se faz no início do livro para apresentar autoras como bell hooks, Angela Davis, Anzaldúa, Audre Lorde, Djamilia Ribeiro, Gayatri Spivak, Grada Kilomba, Judith Butler, Lélia Gonzalez, María Lugones, Patricia Hill Collins, Silvia Federici, Simone de Beauvoir e Virginia Woolf, pontuando as transformações que esse movimento teve ao longo de sua história até os dias atuais.

Afastando-se de essencialismos e universalismos, a autora propõe a pluralidade dos feminismos, pontuando a importância de que os movimentos feministas são múltiplos porque atendem à multiplicidade dos corpos que, além do marcador de gênero, possuem a orientação sexual, a raça e a classe como segregadores.

A autora considera indispensável percebermos como, ao longo da história, algumas lutas foram protagonizadas por mulheres brancas, não porque mulheres negras não quiseram unir-se ao propósito de emancipação, mas porque não eram incluídas dentro dos movimentos, uma vez que estavam permeadas não só pelo racismo, como entendidas fora do que significava ser mulher.

A autora descortina o sujeito universal como um padrão referencial de ser humano, que não é feminino, figurando sempre no homem branco, capitalista, heterossexual, que dita as normas de funcionalidade do mundo:

Sua presença é percebida nos mais diversos âmbitos da vida porque ele funciona como um parâmetro do que é considerado legítimo como humanidade, como um tipo de protótipo de ser humano que responde a todos os itens de qualidade e, por isso, serve de modelo para os demais. (Guimarães, 2022, p.33)

Considerando a falta de legitimidade infringida às mulheres por essa norma mítica de funcionalidade (Lorde, 2019, p.143), o ocidente concebe como sujeito um personagem com um estereótipo normatizado e padronizado socialmente de forma excludente de identidades diversas, orientações sexuais, escolhas religiosas, gênero, raça e classe. Com isso, às mulheres é concedido, e obrigatório, um lugar de inferioridade, subalternidade e subordinação em relação a esses “homens universais”.

Nesse sentido, Guimarães relata sobre sua própria experiência em entender-se enquanto feminista, ou decidir ser uma. A partir da leitura árdua das teóricas feministas, da vontade de aprender sobre os diferentes feminismos, a autora considera uma das mais importantes ações que se deve fazer ao entender-se como feminista, que é encontrar sua rede de acolhimento para observar na prática como o machismo e o patriarcado se articulam dia após dia. Nesse trajeto, ela enfrenta o que chama de “uma verdadeira empreitada teórica” que é entender e lutar contra uma das idealizações ocidentais que são tão caras e tão problemáticas para as ciências humanas como um todo.

A discussão do entender-se feminista contra o sujeito universal se estende pelos próximos capítulos do livro, onde ela historiciza o sujeito universal na cultura do ocidente e, em seguida, nos questiona sobre quem são as pessoas que materialmente se identificam com esse “sujeito universal”. Nesse sentido, ela mobiliza autoras como Simone de Beauvoir e Grada Kilomba para compreender o lugar do “outro” na sociedade. Kilomba engrandece esse debate afirmando a exclusão das mulheres pretas nesse conceito, no qual a mulher preta é o Outro do outro. Dessa forma, com o(s) movimento(s) feminista(s) e suas mudanças durante séculos, podemos observar a luta das mulheres por seus direitos e de que modo elas não estiveram apáticas quanto à opressão que sofriam e sofrem, mas, ao contrário, estão em luta permanente em busca de denunciar a imagem de sujeito transcendente que o homem é colocado.

A adoção de categorias, termos e conceitos não pode provocar exclusões e omissões de outras mulheres, pois a identidade de mulher é plural e suas motivações para se juntarem ao movimento de luta pelos seus direitos também. A opressão, portanto, não é um dado natural, mas produto das relações desiguais que se sustentam com discursos de que as mulheres são menos capazes e, por isso, devem ser protegidas e controladas por homens. Desse modo, é necessário defender o lugar de fala de mulheres de diferentes etnias, classes sociais, orientações sexuais e trazer essas mulheres como objeto de estudo, tornando-as também sujeito da história.

Na busca por defender o lugar de fala das mulheres, Guimarães traz o conceito de territorialização do pensamento como uma forma de pluralizar a história, ampliando o conceito de história única e trazendo a possibilidade de múltiplas histórias, de acordo com a localização de cada sujeita e com seu lugar de fala. Assim, a compreensão da história se situa territorialmente em cada lugar, respeitando suas individualidades. Dessa forma, o ensaio feminista sobre o sujeito universal está geograficamente em um território latino-americano, feito por uma autora feminista, que, a partir da periferia do Rio de Janeiro, defende a historicidade de suas experiências que se materializam na vida de muitas mulheres, defendendo a ampliação desse lugar de fala.

Esta obra ensaística de Guimarães é indicada para um grupo múltiplo de pessoas, não só para historiadoras e professoras, mas para homens de todas as faixas etárias, orientação sexual, classe e raça. Isso porque, segundo Guimarães, “escrever sobre as mulheres e suas lutas, por outro lado, não deveria ser tarefa só de mulheres, ou mesmo os estudos sobre as mulheres não deveriam ser unicamente de interesse das mulheres” (Guimarães, 2022, p.113). Uma de suas ideias principais com esse ensaio, afinal, é alcançar um público amplo para pluralizar os conceitos de *outridade* que a mulher é posta pelo sujeito universal e conscientizar a sociedade sobre as consequências disso para a vida das mulheres não só latino-americanas, como de diversas outras localidades minoritárias.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **O ensaio como forma**. In: Adorno, W.T, Notas de Literatura I. Tradução Jorge de Almeida, Ed. 34, Coleção espírito crítico, 2003.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 3. Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

GUIMARÃES, Gêssica. **Ensaio feminista sobre o sujeito universal**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022.

HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2017.

**Recebido em:** 14/11/2023  
**Aprovado em:** 07/07/2024